

V COMcult

o que custa o virtual?

ESCAVAÇÕES, MIRAGENS E ESVAZIAMENTO ÉTICO

Luciano Marra¹

Resumo

O ensaio intenta analisar o campo mnemônico dos indivíduos em particular, este que é coautor do sentido atribuído ao apreendermos o real. O estudo considera o momento em que somos afetados por imagens criadas por artifício e oferecidas em larga escala a nossa percepção. O método inicial é sempre o ceticismo, baseado na equipolência dos argumentos, embora seja sistemático. O sistema, assim, inicia-se a partir da consciência existencialista, em especial a de Sartre, induz a partir dela a relação orgânica com o real, tal como Baitello Jr., e demonstra em termos psíquicos como o fluxo imagético abstrato alcança esvaziar o campo ético para gerar consumo.

Palavras-chave: Miragem. Consciência. Ética. Imagem. Consumo

De volta ao sumário de como apreendemos o real, exercício que, ao fim, poderá ser facilmente repetível por qualquer leitor.

O ponto de apreensão do mundo por qualquer indivíduo pode ser descrito por meio do conceito de consciência. A fenomenologia a definiu precisamente ao distinguir o ser, objeto físico, do ser homem. Tomamos de empréstimo a base conceitual dos existencialistas porque eles, ao partirem daquilo que nos é mais íntimo, nós mesmos, em vez de elucidar o mundo investigando regras gerais até chegar ao homem, como queria Aristóteles, isto é, ao analisar o ser enquanto ser até chegar ao homem animal político, nos deram instrumento suficiente para compreender nossa relação, tanto com o mundo exterior, ao fazermos uso dos cinco sentidos, quanto com nossas próprias ideias, quando concebemos ou refletimos. Essa forma de enfeixar as pesquisas fora denominada existencialismo, que será daqui por diante nossa base inicial para o estudo.

Dito isso, podemos encaminhar o ponto levantado inicialmente, a apreensão do real. Para tanto, será preciso ressaltar a diferença elementar entre o mundo da matéria e o mundo

¹ Doutorando do curso de Comunicação e Semiótica da PUC-SP; orientador: Prof. dr. Norval Baitello Jr. E-mail: marraluc2@hotmail.com

V COMcult

o que custa o virtual?

psíquico, uma vez que são as estruturas psíquicas a chave para compreender o aparente efeito dos objetos apreendidos sobre nosso comportamento. Nota-se que somente o homem tem essa propriedade de se colocar em questão, de exprimir juízos a respeito das coisas, de exprimir juízos a respeito de si mesmo e a respeito de sua relação com as coisas, ou seja, o homem é aquele que, segundo os existencialistas, ex-siste propriamente dito (com o prefixo ex, para fora, indicando essa capacidade de afastamento das coisas). Afastamento este que o distingue e o habilita a questionar tanto as coisas quanto a si próprio como coisa. Esta propriedade humana de se afastar das coisas e colocá-las em questão, reconhecendo a si mesmo como diferente das coisas que apreende é a consciência. Ela é responsável, não pela existência de todas as coisas, mas das coisas como fenômenos, como aparições, incluindo neste caso ela própria, é justamente isso que diferencia ser homem de ser pedra.

Sua forma de operar se equivale a um apropriação do mundo, apropriação na maioria das vezes com o concurso dos sentidos e a consciência é, assim, essa propriedade humana e ativa de constatação e apropriação do mundo, mesmo quando toma posse de uma ideia sem equivalente no mundo físico, sem equivalente no mundo dimensional, a tomada de consciência de ser consciente, que é o ato mesmo de reflexão. Noutro exemplo mais elementar, formemos em nossa mente a imagem de uma sereia, a imagem dessa sereia constitui-se graças a um movimento corporal nosso, cujo manancial de dados é a memória e as infinitas combinações possíveis de nossas impressões do passado, que é capaz de produzir um objeto inextenso em nós mesmos, a imagem mental de uma mulher com corpo de peixe. Dizemos, então, que imaginamos um ser mítico, uma sereia, obviamente sem existência no espaço. Se conseguimos identificar e reconhecer este objeto é porque dele temos consciência, podemos dizer que ele nos apareceu a partir de nosso movimento corpóreo, a partir de nosso esforço intelectual, que o torna fenômeno, ou seja, que neste instante somos consciência de sereia. Desse modo, no campo espacial, considerado corriqueira e convencionalmente real, a sereia não tem prerrogativa como existente, mas inegavelmente tem sua realidade específica, isto é, tem sua realidade como ideia, como ente imaginário, pois é um ente da imaginação, sem comprimento, altura ou largura, mas que continua sendo um ente, com existência atípica aos olhos do realista dogmático. A imagem mental da sereia é um ente porque também é alvo da consciência, diz-se alvo neste caso porque, conforme a concepção husserliana, consciência

V COMcult

o que custa o virtual?

é sempre consciência de alguma coisa, isto é, um fluxo para fora de si própria cujo encontro com algo de diferente de si revela três partes: o real como fundo, o recorte do real como objeto e indiretamente a si mesma como "mim", exemplos: sereia-para-mim, cadeira-para-mim, relógio-para-mim e assim sucessivamente. De volta ao exemplo anterior, diz-se que somos consciência de sereia ao mesmo tempo que somos conscientes de não sermos uma sereia, isto é, somos simultaneamente consciência de um objeto fictício e somos aquilo que não é ele.

Posto isso, podemos ressaltar que o surgimento do mundo exige a quem surgir, ou seja, exige sempre a intermediação da consciência humana, porque sem ela o mundo material, o mundo dimensional se autoignoraria, a pedra nunca é pedra para ela mesma, e dessa forma não haveria questão alguma a ser resolvida, porque a própria questão não existiria. Esta passagem desnuda a realidade como fenômeno, sobre o que uma consciência em particular fará seu recorte e se descobrirá como sujeito. Assim, fica claro que o conhecimento humano é, por isso mesmo, basicamente fenomenológico, mesmo quando os objetos surgidos são interiores, como no caso da sereia imaginada, que não deixou de surgir-para-alguém, ou seja, não deixou de ser objeto para uma consciência, de ser o porto onde a consciência se deixa flagrar ancorada.

O aparecer do mundo é, portanto, um movimento de apreensão de fenômenos sempre no presente, onde, grosso modo, se detectam dois fluxos básicos de informação, informação aqui empregada em sentido lato. São eles, não necessariamente nesta ou em qualquer ordem ou porcentagem, o fluxo de informação do objeto para a consciência e do corpo para o objeto. No primeiro, apreendemos as qualidades sensoriais: cor, textura, temperatura, altura, largura, comprimento, ou seja, tudo o que permite formatar informações para identificá-lo, donde o caráter evocativo dos objetos percebidos. É bem esse movimento o que permite a síntese de suas qualidades decifradas ou apreendidas pelo aparato sensorial humano, e isso, segundo Sartre, é suficiente para excluir do caminho do conhecimento o clássico dualismo exterior-interior, já que “(...) a aparência remete à série total das aparências e não a uma realidade oculta que drenasse para si todo o ser do existente” (SARTRE, 1997, p.15).

O segundo movimento, em termos semióticos, pode ser considerado como partindo da mente para o objeto apreendido, já que ela deposita, ou melhor, indexa informação ao objeto

V COMcult

o que custa o virtual?

que está fora dela. Esse fluxo também ressalta o caráter evocativo não determinante do objeto exterior, ponto ignorado ou contornado por Sartre, por isso o objeto alvo, uma vez iluminado por uma consciência histórica, particular, pode ser considerado um objeto cultural, em razão de haver previamente preparadas para ele, por convenção e a nós transmitidas e retidas na memória desde a infância, várias camadas de informação. Retomando, no momento em que, já adultos, percebemos uma cadeira, somos capazes de associar uma miríade de informações a respeito dela, inclusive seu nome, função, valor, propriedade etc. Estas informações não estão nela, elas fazem parte de nossas convenções que são nosso aprendizado cultural sobre o mundo que nos cerca e que, pessoalmente, também formam nosso campo de memória, campo relativo, não uniforme e particular. As informações adquiridas para uso relacional formam, tentando ser mais completo, nossa identidade móvel e cumulativa como sujeitos sociais.

Obviamente, nós não nascemos sabendo o que é uma cadeira, a apreensão do objeto sintetizado como tal não acontece de uma hora para outra. Durante a infância, quando nossa capacidade de conceituação ainda é muito pobre, isto em razão de nossa pouca experiência e consequentemente escassa memória, que é nosso manancial íntimo sobre o qual pousará também a consciência, apenas apreendemos um objeto com certas características acessíveis a nosso aparato sensível: objeto duro, escuro, talvez contundente e acompanhado de um sem número de objetos ao redor com características semelhantes e misturadas. Nesta fase, que Piaget denominou de assimilação, o cenário onde estamos situados e aonde miramos nosso aparato perceptivo é basicamente caótico. Somente com o decurso do tempo, depois de constantes e renovadas experiências, algumas até dolorosas, amadurecendo nosso aparato cognitivo, armazenando informação e recebendo informações de outros indivíduos de nosso convívio, pais, irmãos, colegas, professores etc. é que o objeto duro e misturado a uma infinidade de outras informações caóticas, vindas desse ambiente, ganha sua unidade. O objeto coisa, independentemente dele próprio, adquire, assim, uma utilidade, um formato, um nome específico, uma medida, uma duração e tudo mais. Por isso a massa dura, escura e amorfa, com o passar do tempo, sendo aquele indivíduo normal, ganha a identificação “cadeira”. Diz-se que um corpo perceptivo é considerado anormal justamente por subverter o funcionamento na atribuição de significado ao objeto percebido, por exemplo, se o paciente indexa o predicado ameaçador a um objeto corriqueiramente inofensivo, como nas fobias, diz-

V COMcult

o que custa o virtual?

se que seu comportamento é anormal, dentro de um parâmetro social e não dentro de um parâmetro essencial ou ontológico.

Em suma, são dois os movimentos de apreensão do real: percepção, uso conjuminado de nosso aparato sensível para se relacionar com aquilo que existe independentemente de nós mesmos; e concepção, indexação de conteúdo ao fenômeno apreendido a fim de que tenha sentido para nós. A concepção, portanto, é consciência de gestos corporais que não estão no mundo físico tridimensional, o gesto corporal é a capacidade de representar o passado assimilado através da consciência. Daí dizer que nossa relação com o real não é dialética, pois a relação formalizada pelo conceito mencionado anularia as diferenças quanti e qualitativas no teor empregado por cada indivíduo em particular para dar sentido a seu próprio mundo, caso contrário seríamos muito mais parecidos uns com os outros, muito mais pacíficos, mais concordantes, o que é facilmente refutado por nossa História, praticamente um história de sangue. Refutado também pela diferença na personalidade de gêmeos idênticos, criados no mesmo ambiente social e com a mesma carga genética. A figura que mais bem descreve esta relação orgânica com o real é, portanto, a imagem de devoração: processo contínuo, íntimo, particular e vital de assimilação, digestão, descarte e retenção daquilo em que a consciência esbarrara, recortando-a do real, tornando-nos muito mais únicos, singulares, diferentes uns dos outros do que suporia um conceito logicamente formal.

Aqui, então, surgem os problemas. Como a consciência é sempre consciência de alguma coisa em fluxo contínuo temporal, nosso manancial para atribuir sentido aos recortes apreendidos encontra-se em nosso próprio corpo, como testemunha capaz de abstrair representantes ligados ao nosso fluxo vital que ficou no passado. Piaget foi quem mais bem analisou a formação simbólica na mente das crianças, simbólica em respeito ao autor, ou seja, expressão empregada lato sensu. A formação simbólica se dá pelo ganho abstrato gradativo através das várias fases pelas quais passamos, de mimese à representação do ausente, formando nosso campo de memória com o qual indexamos informação a fim de dar sentido ao mundo, sem o quê estaríamos presos na fase inicial de uma eterna infância, sempre assombrados com qualquer fenômeno no qual esbarrássemos.

Ora, quando tomamos consciência de nosso passado para atribuir sentido a objetos do presente empregamos todo tipo de informação representável de modo abstrato. Sendo assim,

V COMcult

o que custa o virtual?

ao longo da vida, quando tomamos consciência de um representante, à medida que o grau de separação entre o objeto real e seu representante aumenta, mais nosso campo de memória recria informações com base em abstrações afastadas das relações autênticas, colocando-nos mais distante das relações do real. Grosso modo, somos pro-jectum, ou seja, para frente, projeto, um fluxo contínuo de apreensão e tomada de decisão sobre uma lâmina fina denominada presente-futuro, cujo manancial informativo particular encontra-se na forma de representações do passado do corpo. Caso nosso campo mnemônico esteja povoado de informações retidas a partir de representações mais e mais distantes das relações autênticas, mais nosso pro-jectum existencial se arrisca a malograr dada a distância entre memórias retidas a partir de relações primárias e seu contrário, retidas de relações exponencialmente abstratas. Disso decorre que podemos empregar uma representação incorporada ao campo de memória que não condiz com as relações no campo factual, já que a consciência apreendeu uma informação com base numa representação, de uma representação, de outra representação. Passemos em revista uma só imagem publicitária para que tudo se esclareça:



Figura 1 Getty Images Sport

V COMcult

o que custa o virtual?

Nessa imagem, temos um atleta de performance, isto é, temos um profissional de futebol reconhecido pelo público feminino pela beleza a ostentar uma lata de refrigerante cola. Primeiramente, analisemos o lado da produção técnica da imagem. Um fornecedor de serviços elege uma pessoa reconhecível pelo maior número de consumidores dentro do paradigma proposto pelas inúmeras pesquisas de mercado, o modelo passa pelas mãos do cabeleireiro, dos maquiadores, do figurinista, a roupa é ajustada, a luz é ajustada pelo fotógrafo, os negativos da imagem sobem para o computador, passam por uma seleção que recebe os ajustes de contraste, nível, colorização, desfoque etc. Tudo isso para dramatizar a cena captada por um dispositivo eletrônico e aumentar o apelo no competitivo campo visual dos espectadores. A imagem pronta é distribuída aos canais com maior probabilidade de competir pelo campo perceptivo mencionado daqueles espectadores perfilados nas pesquisas de consumo: internet, outdoor, televisão, cinema, panfletos, revistas, celulares e um sem número de novos meios. Tudo isso para mostrar a excepcionalidade da imagem criada por artifício.

Do lado do espectador temos: a imagem é oferecida a seu campo visual e tem forte apelo humano já que artificialmente revela beleza, jovialidade, saúde, força, desempenho físico, sex appeal, perfectibilidade, arejamento e um sem número de atributos desejáveis pela maioria dos homens médios do mundo. A imagem é apreendida, ou seja, passa pelo campo sensorial, uma duas, dez, cem vezes e se sedimenta no campo de memória do espectador. Quando esse espectador se torna consciência de sede, que é uma necessidade fisiológica, a angústia lhe exige escolhas e o espectador, então, elege uma solução para seu projectum existencial: "matar a sede". Esse espectador busca em seu histórico de vida, seu campo de memória, a solução mais condizente com seu projeto, que é matar a sede, não somente isso, como a existência é um fluxo contínuo de relações complexas seu inconsciente também indexa e amplia desejos como "matar a sede e permanecer jovem, atlético, saudável, forte, bonito etc. Tal como o quadro criado por meio de artifício para vender o refrigerante cola, que foi incorporado ao campo de memória do espectador sem passar pelo crivo crítico, já que as imagens se apresentam fora do padrão assertivo classificável em verdadeiro ou falso. Lembrando que, para criticar uma imagem, é preciso esforço de reflexão, isto é, saber que se sabe, raciocinar e julgar. Obviamente que numa metrópole em que os indivíduos têm o ritmo

V COMcult

o que custa o virtual?

de vida ditado pelo ritmo do trabalho, a crítica das imagens seria um esforço a mais durante a extenuante jornada diária, portanto, dispensável ante o maior desgaste exigido.

Desse modo, matar a sede com um refrigerante cola, cuja ingestão, segundo os fabricantes, é comum aos indivíduos belos, joviais, atléticos etc., atributos artificialmente agregados na imagem técnica oferecida e amplamente divulgada no espaço urbano, torna-se uma possibilidade real. Contraditoriamente, o refrigerante é uma bebida cuja concentração de glicose beira ao absurdo, as doses são tão altas que o pâncreas entra em alerta a ponto de produzir superdoses de insulina, causando um quadro hipoglicêmico em rebote. Contém também altas doses de cafeína, que é um composto químico diurético, além do mais, o pH de um refrigerante é tão ácido que se estima ser necessário litros de água para que nosso corpo se normalize. A quantidade de corantes e conservantes artificiais aumentam a incidência de alergias. Pode causar gastrite, diabetes, obesidade, insônia, irritabilidade etc. Em suma, sem adentrar nos méritos fisiológicos dessa ingestão, o que fica evidente é o seguinte: a última bebida que um atleta de performance como o jogador inglês da fotografia ingeriria com regularidade para matar a sede seria um refrigerante cola. E ele próprio não afiança a ingestão regular dessa bebida. A imagem, que não está na forma assertiva, pois a imagem, ou qualquer imagem, não é prontamente classificável em verdadeira ou falsa no momento em que alguém lhe confere sentido, fora incorporada contornando o crivo crítico do espectador. As asserções sim, no momento da decodificação permitem o juízo: "se é Bayer é bom", verdade ou mentira, o que não acontece com as imagens.

Prosseguindo no exemplo, a repetição da oferta imagética substitui o hábito que seria do jogador real. A oferta regular da imagem amplamente divulgada aos olhos do espectador comum faz da narrativa proposta por ela um ato artificialmente regular, por meio, obviamente, de artifícios repetidos à exaustão: colocam-na no caminho da escola, no televisor, no celular, no tablet, no cinema, nas camisetas e mais um sem número de suportes. A decorrência disso é que o espectador retoma informações com base no seu histórico de vida para satisfazer seu projeto existencial a partir de seu manancial existencial e, como seu campo de memória está abarrotado de imagens criadas sem lastro nas relações autênticas, diz-se que seu campo mnemônico sofreu e sofre um processo de escavação quanto ao teor de realidade. Noutras palavras, quanto maior a quantidade, regularidade e presença de imagens

V COMcult

o que custa o virtual?

incorporadas ao campo de memória dos indivíduos, mais podemos afirmar que seu histórico pessoal sofreu e sofre um processo de erosão, de escavação relativos ao teor de autenticidade, de realidade, isto é, quanto maior a apreensão de imagens incorporadas sem lastro real, sem sofrerem o juízo decorrente de um processo de reflexão, mais o campo de memória do espectador encontra-se escavado, esburacado, fendido, em suma, metido num quadro "esquizado".

A consequência mais severa dessa escavação contínua da memória pessoal dá-se no campo ético. Como se forma o campo ético? Um valor só é construído, instituído, na prática, por exemplo, um sujeito levanta-se para o idoso se sentar no ônibus, nesse exato momento ele cria um valor, "é bom dar lugar a uma pessoa mais velha no ônibus", caso ninguém mais o faça, esse valor desaparece, por conseguinte, o ato é puramente contingente, fruto de uma deliberação singular. Se o gesto for visto, _ aqui devemos acentuar a importância do outro para a formação do circuito intersubjetivo, e repetido uma, duas, cem vezes, e se torne uma ação regular, tem chance de se alastrar e se firmar no campo social. Tornando-se regular, mantém-se no tempo, entra para a tradição, e em casos mais reiterados, pode ainda ser formalizado e subsumido pelo aparato legislativo, com tipificação e pena para quem contrariá-lo. Hoje é passível de punição quem não cede lugar ao idoso no transporte público do Brasil. Com isso se sobressai, como dito, a importância do trânsito intersubjetivo da ação, da ação aos olhos de outro. Somente esse trânsito permite que um valor criado se alastre pelo tecido social, como no velho jargão moderno, "não existe ética para o naufrago solitário". No entanto, se o campo de memória dos indivíduos fora escavado, teve seu teor de realidade esvaziado, mais as ações individuais, as decisões para o projeto existencial, são tomadas com base em relações inautênticas, com base na representação de representação de uma ficção, assim ao infinito. A imagem que mais condiz com essa forma de tomar decisões diárias, concebendo informações representantes de relações fictícias para empenhar o próprio corpo é a miragem. Dizemos que os indivíduos resgatam de seu campo de memória informações para a tomada de decisão relativa à sua existência com seu campo esvaziado, embaralhado, escavado, ou seja, a decisão que efetiva o projeto existencial, tal como no exemplo de matar a sede, é tomada com base numa miragem: "matar a sede com um refrigerante cola e permanecer jovem, saudável, belo, veloz, forte etc." é o mesmo que buscar água no deserto

V COMcult

o que custa o virtual?

pelo reflexo do céu na massa de ar quente. Não se trata de uma patologia, um delírio, já que a carga de abstração na memória não compromete decisões corriqueiras como atravessar a rua, tomar, banho, fazer a higiene pessoal etc., contudo podemos induzir que o homem moderno, em larga medida, já que a todas as áreas humanas são oferecidas uma visão de mundo artificial, toma decisões a partir da constituição de sentido com base em miragens, concepção criada por nós mesmos com base em imagens com pouco ou nenhum lastro real.

Tomemos uma sequência para exemplificar: tomamos todas as decisões cotidianas, ou seja, agimos para efetivar o projeto que somos e nossos gestos geram regularidades, geram valor, como no exemplo do ônibus, estes gestos perpassam o tecido social e entram para os costumes (ethos) ou até mesmo para a lei. Nesse sentido, indiretamente, a escavação relativa ao teor de realidade do campo mnemônico de um sujeito, ao longo e médio prazo, também esvazia, em boa medida, já que a reflexão demanda esforço, o campo prático, o campo ético, o campo das ações regulares. Mais e mais, conforme a difusão desse tipo de imagem é incorporada em quantidade, mais esse modelo social torna-se amoral, fora do campo moral dada sua carga mais e mais esvaziada de realismo, e os hábitos regulares, segundo a profusão de imagens com a intenção de gerar e controlar o comportamento de consumo, entra para o campo ético e passa a balizar o comportamento da maioria, desviando a atenção de outros campos cuja regularidade é menor do que aqueles alcançados pelo fluxo imagético massivo. Daí inferir que o comportamento do homem moderno é extremamente previsível na sua relação com bens de consumo, ou seja, com as coisas compradas, e gradativamente mais imprevisível no trato entre os sujeitos, já que o campo ético fora esvaziado indiretamente via escavação das memórias individuais.

Nem é preciso muito para antecipar as consequências desastrosas daí provenientes: uma sociedade em que o número de habitantes só cresce desde 1800, concentrados em lugares cada vez mais apertados, como nas grandes metrópoles, com o campo ético esvaziado pelo processo de escavação no teor de realidade, em que cada indivíduo toma decisões corriqueiras com base em miragens, cuja consequência é o esvaziamento do campo ético e aumento da previsibilidade nos comportamentos de consumo. O próximo passo seria então investigar como ficam nossos afetos, em especial, os quadros de violência atuais.



Referências

- ARISTÓTELES. **Ethica Nicomachea**. Odysseus, São Paulo, 2008.
- AUMONT, J. **A Imagem**. Papirus, Campinas, 2011.
- BAITELLO, N. **A Serpente, a Maçã e o Holograma**. Paulus, São Paulo, 2010.
- _____; **O Animal que Parou os Relógios**. Annablume, São Paulo, 1997.
- CASTORIADIS, C. **As Encruzilhadas do Labirinto**. Paz e Terra, São Paulo, 1987.
- DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Contraponto, Rio de Janeiro, 1994.
- _____; **Panegírico**. Conrad, São Paulo, 2002.
- FLUSSER, V. **A Escrita**. Annablume, São Paulo, 2010.
- MERLEAU-PONTY, M. **A Fenomenologia da Percepção**. Martins Fontes, São Paulo, 1999.
- PIAGET, Jean; **O Nascimento da Inteligência na Criança**. Trad. Álvaro Cabral. 3ªed.; Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- _____; **A Formação do Símbolo na Criança**. Trad. Álvaro Cabral; 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- PORCHAT, Oswaldo; **Vida Comum e Ceticismo**. 2ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1994.
- SARTRE, J.P. **Situações I**. CosacNaify, São Paulo, 2005.
- _____; **O Ser e o Nada**. Vozes, Petrópolis, 1997.
- _____; **O Que é a Literatura?** Ática, São Paulo, 1993.
- _____; **O Imaginário**. Ática, São Paulo, 1996.
- _____; **Esboço Para Uma Teoria das Emoções**. L&PM, Porto Alegre, 2006.
- _____; **O Existencialismo é um Humanismo**. in: Col. Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- SEXTO EMPIRICO; **Esbozos Pirronicos**. Gredos, Madrid, 1993.